

## ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: por um diálogo necessário com a escola

*Jaqueline Luzia da Silva<sup>1</sup>*

*Ariene Maciel Melo<sup>2</sup>*

**Eixo temático: Eixo 5 – Alfabetização e educação de jovens, adultos e idosos**

**Resumo:** O trabalho apresenta uma pesquisa que teve como objetivo identificar e analisar práticas pedagógicas de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no intuito de conhecer os principais desafios enfrentados por educadores e educandos na busca por aprendizagens significativas. O referencial teórico dialoga com autores do campo da EJA, como Di Pierro, Vóvio e Andrade (2008); Vóvio (2009), dentre outros. A metodologia da pesquisa ocorreu por meio da realização de um estudo de natureza qualitativa, que privilegiou o contato direto com os sujeitos estudantes e professoras da EJA, composto por observação de aulas e do espaço escolar como um todo, além da aplicação de um questionário socioeconômico e da realização de entrevistas semiestruturadas. Pretende-se, aqui, trazer os dados mais relevantes da pesquisa e realizar uma análise que possa contribuir com a reflexão sobre os desafios cotidianos da prática alfabetizadora na EJA e com a busca de alternativas educativas para tais desafios. As principais conclusões apontam a necessidade do reconhecimento das histórias de vida dos estudantes que chegam à modalidade, suas motivações, suas trajetórias escolares e seus conhecimentos prévios. Ao mesmo tempo, é preciso uma compreensão sobre quais são as demandas da alfabetização dos sujeitos da EJA, como elaboração do sistema de escrita alfabética, com uso da leitura e da escrita em suas relações com o mundo e com os outros, para que ocorram aprendizagens significativas.

**Palavras-chaves:** Educação de Jovens e Adultos (EJA); alfabetização; aprendizagem; práticas pedagógicas; diálogo.

### Introdução

O presente trabalho busca apresentar uma pesquisa que teve como objetivo identificar e analisar práticas pedagógicas de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no intuito de conhecer os principais desafios enfrentados por educadores e educandos na busca por aprendizagens significativas. Esta pesquisa foi realizada a partir de um estudo, situado no âmbito da iniciação científica<sup>3</sup>, de natureza qualitativa, em uma escola que oferece o Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

<sup>1</sup>Doutora em Educação. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Contato: [jaquelineldasilva@gmail.com](mailto:jaquelineldasilva@gmail.com)

<sup>2</sup>Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Contato: [arienemelo09@gmail.com](mailto:arienemelo09@gmail.com)

<sup>3</sup>Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ – Faculdade de Educação).

O estudo pretendeu dialogar com a escola pesquisada, no sentido de compreender as práticas pedagógicas, a partir dos sujeitos que nela estão matriculados (estudantes) e trabalham (professoras). Por isso, valorizou a fala desses sujeitos, suas percepções sobre a realidade da EJA e as impressões que carregam sobre a aprendizagem.

Acreditamos ser importante refletir sobre a alfabetização na EJA, principalmente considerando os dados sobre a taxa de analfabetismo da população brasileira acima de 15 anos de idade, que são da ordem de 6,8%, o que equivale a 11 milhões e 300 mil pessoas (IBGE, 2018). Além disso, 29% são consideradas analfabetas funcionais<sup>4</sup>, indicando que o Brasil está longe de cumprir a meta nove do Plano Nacional de Educação (PNE), que visa erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional até o final da vigência do PNE, no ano de 2024 (BRASIL, 2014). Ao mesmo tempo, é importante considerar a quase inexistência de uma política pública voltada para a EJA no Ministério da Educação, desde a extinção da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), em 2019, e a implementação da Política Nacional de Alfabetização, também em 2019, que invisibilizou a EJA em seu documento oficial de implementação (BRASIL, 2019).

Os dados e acontecimentos citados acima corroboram a importância da discussão sobre alfabetização na EJA. Diante dessa situação, é interessante traçar uma análise sobre os principais desafios enfrentados pela área educacional no sentido de reverter esse quadro. Mas também se torna importante pensar em algumas possibilidades de atuação diante da realidade brasileira que se apresenta, pois “[...] nem todos os analfabetos encontram-se em situação de pobreza, mas as possibilidades tanto de participação dessas pessoas na sociedade quanto de garantia de seus direitos sociais são afetadas pela falta ou pelo pouco estudo” (VÓVIO, 2009, p. 67).

Ao entrar em contato com a escola e seus sujeitos, almejamos conhecer as práticas de enfrentamento de questões marcadamente presentes na EJA, como a evasão e a reprovação. Além disso, buscou-se conhecer as motivações dos educandos quando se matriculam na escola e como avaliam a construção de conhecimentos realizada na escola da EJA.

Pretende-se, aqui, trazer os dados mais relevantes da pesquisa e realizar uma análise que possa contribuir com a reflexão sobre os desafios cotidianos da prática alfabetizadora na EJA e com a busca de alternativas educativas para tais desafios.

---

<sup>4</sup>Analfabetas funcionais são aquelas pessoas que conseguem apenas localizar informações em textos curtos e realizar operações simples de matemática, além ter cursado somente os anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, têm menos de cinco anos de estudos completos, segundo o INEP (HADDAD e SIQUEIRA, 2015).

## 2 Fundamentação teórica

No trabalho com a alfabetização de jovens, adultos e idosos surgem muitas questões, algumas vezes não respondidas pela própria ação educativa, necessitando de pesquisas e estudos. Entre essas questões, aparecem a evasão e a não aprendizagem dos alunos matriculados. Primeiramente, porque a evasão na EJA sempre foi naturalizada. E esta naturalização tem consequências desastrosas, principalmente quando se trata de sujeitos com histórias de vidas diversas, que tiveram direitos negados, limitado acesso à educação escolar e vivências marcadas por uma escolarização que não chegou a alcançar os objetivos esperados (DI PIERRO, 2005).

A questão da não aprendizagem traz um desconforto quando se observa boa parte de alunos nas turmas, matriculados na EJA há alguns anos no mesmo bloco<sup>5</sup> sem avanço para o bloco seguinte. Isto significa que estar na escola para estes alunos serve muito mais como um modo de socialização do que como oportunidade de realizar aprendizagens significativas almejadas por todos aqueles que retornam à escola na idade adulta. Na pesquisa de Silva (2020), realizada também em escolas do PEJA, as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes da EJA, no espaço escolar, dizem respeito à dificuldade em escrever, para a maioria dos alunos e em realizar as atividades de matemática: algoritmos de divisão, situações-problemas e cálculos. Estes apontam para si mesmos os obstáculos na trajetória escolar e se culpabilizam por terem dificuldade em aprender.

Outro desafio da modalidade corresponde à formação docente. Nem todos os professores que atuam na EJA receberam a formação inicial para este trabalho, em seus cursos de licenciatura. Assim sendo, para boa parte dos educadores, a formação para o trabalho com jovens, adultos e idosos ocorre ao mesmo tempo em que se dá a atuação em sala de aula, como formação continuada e não formação inicial, seus saberes profissionais se constituem no próprio contexto de ação (DI PIERRO; VÓVIO; ANDRADE, 2008). Na pesquisa de Lemos (2020), também com escolas do PEJA, foi constatado que, embora existam materiais didáticos de qualidade elaborados especificamente para a modalidade, ainda é possível encontrar práticas infantilizadas e centradas na repetição e na memorização.

Evasão, reprovação e formação docente são alguns dos muitos desafios enfrentados pela EJA nas escolas, principalmente no contexto atual em que se percebe uma ausência de políticas públicas voltadas para a modalidade, tanto em nível nacional quanto nos estados e municípios, caracterizada pelo fechamento de turmas e escolas noturnas (BARBOSA e

---

<sup>5</sup> No PEJA os segmentos são divididos em blocos de aprendizagem. Cada bloco tem duração de um ano letivo. Quatro blocos compõem a formação no Ensino Fundamental.

SILVA, 2020). É sobre estas questões que se debruçou a pesquisa aqui descrita, visando trabalhar com os principais desafios da prática pedagógica da alfabetização de jovens, adultos e idosos, tendo em vista que as pesquisas no campo da EJA realizadas pelas universidades vêm se ampliando nos últimos anos, nas quais podemos encontrar “o fazer da EJA” (SOARES, 2008). É esse *fazer da EJA* que tem sido buscado, no sentido do reconhecimento da modalidade e pela legitimação do direito à educação para os que a procuram.

Torna-se interessante compreender as características das escolas com programas oferecidos pelas secretarias de educação, como é o caso do PEJA, pois a EJA ainda apresenta uma inserção marginal no sistema educativo, relegada ao terreno dos programas assistenciais, desenvolvidos por organizações sociais que visam atenuar os efeitos perversos da exclusão. Assim, é importante dar visibilidade às práticas das escolas e programas públicos de EJA que procuram promover aprendizagens significativas para uma população até então excluída do sistema educacional.

### **3 Metodologia**

A metodologia da pesquisa se deu por meio da realização de um estudo de natureza qualitativa, que privilegiou o contato direto com os sujeitos estudantes e professoras da EJA, composto por observação de aulas e do espaço escolar como um todo, além da aplicação de um questionário socioeconômico e da realização de entrevistas semiestruturadas.

Tendo em vista a pesquisa na área da alfabetização, foi necessário que a metodologia apreendesse o aspecto qualitativo na medida em que tratou do cotidiano do espaço escolar em que estão inseridos os sujeitos da pesquisa.

Os dados levantados consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Por isso, a pesquisa qualitativa acaba por constituir-se em um diferencial. Os sujeitos, sendo jovens, adultos e idosos (professoras e estudantes), falaram de sua realidade e de suas vivências.

Um dos critérios para a seleção da escola a ser pesquisada foi o oferecimento da modalidade EJA em diferentes horários (manhã, tarde e/ou noite). Outro critério foi a existência de, pelo menos, duas turmas de alfabetização de jovens, adultos e idosos na escola. Foi selecionada uma escola exclusiva de EJA, que oferece turmas de Ensino Fundamental (primeiro e segundo segmentos) em três turnos, na forma de ensino semipresencial. A escola se localiza na Zona Norte do Rio de Janeiro. A equipe da escola (gestoras e professoras) aceitou participar da pesquisa, que foi iniciada no mês de maio de 2019 e teve duração de oito meses.

Para o alcance dos objetivos propostos, a pesquisa aconteceu na escola selecionada

com observação das aulas e de outros momentos/espços da escola, além de entrevistas com as professoras alfabetizadoras e alunos da EJA.

A pesquisa ofereceu às pesquisadoras a oportunidade de se posicionarem em relação ao problema e às questões levantadas, tendo em vista que os desafios investigados partem da realidade das escolas e de questões presentes no trabalho diário de sala de aula.

#### **4 Resultados e Discussão**

Durante a realização da pesquisa, foram estabelecidos vínculos, tanto com o corpo docente, quanto com o discente, na intenção de construir um ambiente seguro e propício para o levantamento de dados pertinentes. Observou-se, na unidade escolar, a pouca oferta de vagas, uma estrutura mínima de acomodação e a falta de capacitação docente específica na área da EJA. Por outro lado, a relação próxima escola-comunidade se destaca positivamente, colaborando na construção de conhecimentos significativos para os estudantes que a frequentam.

No total, foram observadas quatro turmas de alfabetização. Durante o período de observação, foram focalizadas as práticas pedagógicas das professoras, a aprendizagem dos estudantes, a relação entre as professoras e os estudantes e as dificuldades encontradas no processo de escolarização. As aulas foram observadas durante um longo período, do qual se seguiram os momentos das entrevistas. Além da sala de aula, outros espaços foram observados, como as atividades extracurriculares e culminância de projetos didáticos.

De um total de 49 alunos matriculados nas quatro turmas pesquisadas, 40 responderam ao questionário socioeconômico e 35 foram entrevistados. De acordo com os dados levantados pelo questionário, respondido por 26 mulheres e 14 homens, 29 estudantes têm mais de 30 anos de idade e 16 se declararam pardos, 15 se declararam brancos e nove se declararam pretos. Nota-se que, majoritariamente, são pertencentes a uma classe econômica de baixo poder aquisitivo, sendo a sua maioria formada por trabalhadores informais (13) e pessoas sem fonte de renda (11). Dos 40 respondentes, 11 nunca haviam estudado antes e 25 estudaram na infância, mas abandonaram a escola. E, ainda, oito estudantes afirmaram que já haviam se evadido depois do ingresso nesta escola da EJA, mas retornaram depois.

Nas entrevistas com os estudantes, foi possível perceber que estes dificilmente reconhecem-se como portadores de direito à educação escolar. Nas falas, durante as entrevistas e também em sala de aula, eles demonstram uma gratidão imensa pela escola, mas parece que compreendem a ação educativa como um “favor” e não como a reparação de um direito que lhes foi negado no passado, na infância. Desta forma, é necessária uma

reflexão sobre o papel da escola na EJA, sobre que tipo de formação se espera para os sujeitos atendidos.

Os estudantes idosos se culpabilizam sobre suas dificuldades de aprendizagem. Essa questão também é ausente na formação das professoras. É necessária uma atenção aos aspectos biológicos e culturais do envelhecimento. Ao mesmo tempo, observando as questões da aprendizagem, questões da memória e da qualidade de vida. Percebe-se que, para esses idosos, a escola tem um papel socializador, mas eles carregam marcas em suas histórias de vida que muitas vezes necessitariam de acompanhamento psicológico agregado ao atendimento escolar.

Foram duas professoras entrevistadas, ambas professoras alfabetizadoras responsáveis pelas turmas. Dentre as principais dificuldades apontadas por elas, está a ausência de material para o trabalho com a alfabetização na EJA. Segundo estas professoras, faltam materiais concretos. Essa afirmativa se expressou repetidas vezes, justificando inclusive a aquisição de jogos, material dourado, dados, ábaco, dentre outros, por meio de recursos das próprias professoras. Entretanto, a abordagem pedagógica observada no cotidiano da sala de aula na utilização destes materiais, além de não contextualizada, se expressava principalmente pelo uso mecânico e simplificado dos materiais, excluindo os processos mais complexos que poderiam vir a produzir desafios e, posteriormente, aprendizagens aos estudantes. Percebe-se que a prática é marcada pela infantilização dos estudantes, inclusive na linguagem utilizada em sala de aula e pela utilização do pouco material adquirido. Assim sendo, o discurso sobre a falta do material concreto, aparentemente, demonstra uma preocupação com a contextualização, mas na prática não foi percebida uma relação mais aproximada entre a realidade dos estudantes e os conteúdos curriculares trabalhados.

A questão da formação continuada em serviço é outra dificuldade encontrada pelas professoras. Como estas não tiveram formação inicial para o trabalho com a EJA, os centros de estudos, que reúnem professores semanalmente, ainda não se constituem em um espaço de formação permanente. Assim sendo, a prática pedagógica é marcada pela reprodução de atividades utilizadas no trabalho alfabetizador para crianças, pois é o que as professoras dominam enquanto conhecimento docente.

Por fim, a pesquisa identificou que falta ainda um olhar individualizado para estes sujeitos, compreendendo como a prática pedagógica pode fazer sentido na construção de aprendizagens significativas para eles. Ainda seria necessário um enfoque na formação humana e integral, que privilegie tanto os conteúdos curriculares quanto a emancipação e autonomia desses estudantes.

## 5 Considerações Finais

A pesquisa realizada se aproximou da prática pedagógica na EJA e conseguiu reconhecer algumas das principais dificuldades enfrentadas por estudantes e professoras. Contudo, tais dificuldades necessitam ser problematizadas na tentativa de sua superação. Reconhecer as histórias de vida dos estudantes que chegam à modalidade, suas motivações, suas trajetórias escolares e seus conhecimentos prévios são ações fundamentais da escola. Ao mesmo tempo, a necessária compreensão do que significa a alfabetização e quais são as demandas da alfabetização pelos sujeitos da EJA, como elaboração do sistema de escrita alfabética, com uso da leitura e da escrita em suas relações com o mundo e com os outros, são primordiais para que ocorram aprendizagens significativas. Além disso, tanto educadores quanto educandos precisam refletir sobre o processo de aprendizagem, no sentido da valorização do fazer pedagógico, voltado à realidade que se apresenta na modalidade.

## Referências

BARBOSA, Carlos Soares; SILVA, Jaqueline Luzia da. Reflexões sobre a destituição do direito à educação de jovens, adultos e idosos no Brasil no tempo presente. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, TO, v. 7, n. 19, p. 139-153, ago. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3737> Acesso em: 15 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA: Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 13.005**, de 25 de junho de 2014. *Institui o Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024)*. Brasília: MEC, 2014.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 92, p. 1115-1139, out. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a18> Acesso em 16 jan. 2021.

DI PIERRO, Maria Clara; VÓVIO, Cláudia Lemos; ANDRADE, Eliane Ribeiro. **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática**. Brasília: UNESCO, 2008.

HADDAD, Sérgio; SIQUEIRA, Filomena. Analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAIf**, Vitória, ES, v. 1, n. 2, p. 88-110, jul/dez, 2015. Disponível em: <http://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/81> Acesso em: 17 jan. 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** (PNAD Contínua) 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/indicadores> Acesso em 13 jan. 2021.

LEMOS, Amanda Guerra. Entre teorias e práticas: o trabalho alfabetizador na EJA. In: SOUZA, Marta Lima (Org.). **Educação de jovens e adultos: linguagens, alfabetizações e afetos**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

SILVA, Jaqueline Luzia da. Percepções dos sujeitos sobre o processo de escolarização na alfabetização de jovens e adultos. In: FERNANDES, Andrea da Paixão; LOPES, Paula Cid (Orgs.). **O cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em roda de conversas**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2020.

SOARES, Leôncio José Gomes. Avanços e desafios na formação do educador de jovens e adultos. In: MACHADO, Maria Margarida (Org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Brasília: Secad/MEC, Unesco, 2008.

VÓVIO, Cláudia Lemos. Alfabetização de pessoas jovens e adultos: outras miradas, novos focos de atenção. In: SAMPAIO, Marisa Narciso; ALMEIDA, Rosilene Souza (Orgs.). **Práticas de Educação de Jovens e Adultos: complexidades, desafios e propostas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.